

RESTOS DE CARNAVAL, RESTOS DE MEDO

Juliana França Gonçalves Gimenes (UFU)
juduudson@yahoo.com.br

RESUMO: O medo, expresso por uma palavra tão forte quanto seu próprio significado, adquire várias definições e ocorre em diferentes situações, sendo um elemento merecedor de destaque na ficção. Por se tratar de um sentimento vasto e gerador de diferentes expectativas na narrativa, o medo faz com que a situação do personagem que o expressa seja alvo de atenção do leitor, envolvendo este último numa gama de sentidos e emoções. Com base nessa dialética, no conto “Restos do carnaval”, Clarice Lispector relata momentos de medo que ela vivencia, nos dias de carnaval, na observação dos foliões e no fato de temer a impossibilidade de realização de um desejo: participar desta festividade. Sendo assim, o conto aproxima o sentimento da personagem com a expectativa do leitor fazendo com que este último tema também pela personagem. Lispector apresenta diferentes vieses do medo, sendo este relacionado ao temor pelas máscaras humanas disfarçadas nas máscaras de carnaval; medo relacionado ao trauma vivenciado em virtude da mãe doente e medo angustiante do episódio de enfermidade da mãe comprometer sua felicidade diante de sua participação no carnaval. Percebe-se, portanto, a relevância que o medo adquire para acentuar o sentimento da voz que protagoniza assim como do envolvimento do leitor nesta narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval. Clarice Lispector. Máscara. Medo. Trauma.

Introdução

O medo, de acordo com D’Elia (2013) pode ser entendido como uma ação que, de alguma forma se associa a um estado de angústia, angústia que castra, tolhe, inibe e reprime, algo que vai muito além do compreendido e manifesto.

É um dos sentimentos perceptíveis no ser humano que ocorre com frequência frente às situações conflituosas pelas quais ele entra em contato no decorrer da vida. A experiência do medo é, sem dúvida, um despontamento de ações desordenadas e compulsórias que desencadeiam reações físicas e, em muitos casos, psicossociais.

O medo, dependendo de sua intensidade, pode desembocar no trauma, sendo este último a culminância sintomática de ações que se dão em virtude de algum acontecimento abrupto e/ou inesperado que venha a surgir em um momento pretérito.

A narrativa moderna vale-se desse sentimento para caracterizar personagens e causar no leitor, a absorção das geradas pelo medo. Exemplo digno desse recurso expressivo se faz presente em algumas obras de Clarice Lispector, das quais, ressalta-se neste artigo, o conto “Restos do Carnaval”.

Nele, Lispector enfatiza o medo para trazer à tona, outros sentimentos mais profundos como a culpa, o ressentimento, a frustração, dentre outros; que se entrelaçam no sentido de ressaltar a voz que ecoa por meio da narração dos fatos.

Sendo um conto característico de memória, a escritora tece suas palavras com base em suas experiências que, de alguma forma, a marcaram pelo medo e os demais sentimentos veiculados a ele.

Restos de carnaval, restos de medo: análise do medo no conto

Em “Restos do carnaval”, Clarice Lispector narra um acontecimento traumático que vivenciou na infância, do qual ela não conseguiu desapegar-se até o momento em que transmite ao leitor, *insights* dessa memória.

A narradora personagem inicia o conto, transportando-se ao passado, por meio de recordações que a situa em Olinda, cidade que viveu parte da infância, em uma festa que, para ela, era única: o Carnaval. Ela narra como seu coração se preparava para recebê-lo. Ocorria, em seu íntimo, uma ebulição de euforia que gerava um sentimento de pertença pela festividade, um vez que nesta, poderia ser aquilo que não era.

No Carnaval mencionado, a narradora experimenta a alegria de, por uma só vez, em sua vida de menina, ganhar uma fantasia feita de restos de material que sobrara da fantasia de uma amiga.

O carnaval significaria, enfim, seu casamento com a vivência de seus sentimentos mais íntimos e secretos que escondia no corpo de menina. Acontece que, pouco antes do momento em que sairia para desfrutar a festa, ou melhor, o seu próprio “eu”, em sua casa surge uma agitação inesperada em virtude da enfermidade da mãe, que piora.

Incumbida de ir até à farmácia buscar o remédio necessário, a menina sai pelas ruas, tomada por um sentimento medonho de aversão à felicidade estampada nas ações dos foliões. Ao retornar e passada a crise da mãe, ela se senta próximo à casa e passa a observar a agitação carnavalesca das pessoas e é neste momento que a aproximação de um menino lhe devolve a esperança do Carnaval, quando ele a percebe na festa.

Para narrar esses acontecimentos, Lispector demonstra, por meio de recursos expressivos, sentimentos conflitantes como o medo e o trauma. A primeira manifestação de medo ocorre no conto quando a narradora revela sentir medo das

máscaras, mas não as utilizada pelos foliões, mas aquela que cada ser carrega por detrás da carnavalesca, as várias faces, a incógnita, o desconhecido.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas não era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara.

As máscaras metaforizam a incógnita presente no ser humano que, neste caso, não utiliza só uma máscara mas inúmeras nas diferentes situações da vida. O medo diante da máscara é o medo do desconhecido, do outro e do que ele pode fazer.

Esse estranhamento é que desencadeia o medo, que nas próprias palavras da narradora, “é vital e necessário”. “O medo é uma alteração das emoções e dos sentimentos, também é fundamental para a nossa autopreservação” (D’ELIA, 2013).

Ele suscita diferentes formas de comportamento. No conto é possível percebê-los no momento em que a menina sai às ruas para ir até à farmácia comprar o remédio para mãe e se vê assustada com a alegria dos foliões. Isto porque a alegria era o sentimento inverso do que sentia naquele momento.

Em seu coração, explodia o medo de perder a mãe, mas também um outro e, mais latente, a privação em participar do Carnaval, o que, para ela, significava a liberdade, pois nele, se desprendia de uma infância apática e insignificante para se tornar uma “mulherzinha de oito anos”, mesmo que, em quatro dias de festa.

(...) eu mal podia esperar pela saída de uma infância vulnerável e pintava minha boca de batom bem forte, passando também ruge nas minhas faces. Então eu me sentia bonita e feminina, eu escapava da meninice.

Similar a esse sentimento de desprendimento da infância triste, outro fragmento revela a necessidade de libertação das amarras infantis: “(...) mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil”.

A necessidade de sentir-se feliz era tão latente que fez com que a menina desenvolvesse dentro de si, um medo, mesmo que fugaz, que a fazia temer não realizar seu desejo. Temia até mesmo uma chuva, como se percebe no fragmento:

(...) à ideia que de repente nos deixasse, nos nossos pudores femininos de oito anos, de combinação na rua, morríamos, previamente de vergonha Deus nos ajudaria! Não choveria!

Triste destino da personagem, mal sabia que não seria a chuva que atrapalharia seus planos, mas sim o agravamento da doença da mãe. Esse acontecimento faz florescer na personagem o sentimento de culpa, ao qual Martins (1997, p. 47) observa que “há, em uma ponta da vida, a memória da culpa na infância, pela constatação inclemente da impotência frente ao destino”.

Tal trauma fez com que a menina levasse as marcas de um acontecimento tão feliz para sua vida o que denota o trauma.

O medo não é uma emoção patológica, mas algo universal do homem. O medo é um estado de progressiva insegurança e angústia, de impotência e invalidez crescentes, ante a impressão iminente de que sucederá algo que se pretende evitar e que, aos poucos vai revelando a incapacidade de resolver. (DALGALARRONDO, 2006, p. 109)

Considerando o medo como um sentimento perturbador e não como patologia é possível associá-lo ao trauma, que, muitas vezes, ocorre pelo fato da situação causadora de medo não ser bem resolvida.

Em “Restos do carnaval”, a narradora demonstra fortes traços de seu trauma, expressos em alguns fragmentos, como exemplo:

Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada me tornava uma menina feliz.

A dificuldade em escrever revela a dor da lembrança de uma infância triste, aprisionada à simplicidade e à carência, seja ela afetiva ou econômica, já que no decorrer do conto, Lispector fala da ausência da mãe, o contato com as irmãs e da “esmola” oferecida em forma de fantasia, pela mãe de sua amiga.

(...) no meio das preocupações com a mãe doente, ninguém em casa tinha cabeça para carnaval de criança. Mas eu pedía a uma de minhas irmãs para enrolar aqueles cabelos lisos que me causavam tanto desgosto (...)

Quanto ao fato de minha fantasia só existir por causa das sobras de outra, engoli com alguma dor meu orgulho, que sempre fora feroz e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.

Mesmo com a constatação de que só se fantasiava em virtude das sobras da fantasia da amiga, se extasiava em pensar no Carnaval, no seu carnaval. Contudo, com os acontecimentos desastrosos que se sucederam, a menina, além de perder a folia, perdera

também, o gozo da vida naquele dia e isto a marcou profundamente, causando-lhe horror de nem sequer entender e perdoar tal fato. É o que se pode verificar no fragmento: “Muitas coisas que me aconteceram tão piores que esta, eu já perdoei. No entanto, essa não posso sequer entender agora: o jogo de dados de um destino é irracional. É impiedoso!”

O trauma apresentado pela personagem relaciona-se, no conto, com o remorso ao pensar na gravidade da doença da mãe. De certa forma, ela contrapõe sua alegria à enfermidade e isso fazia com que dentro dela, algo se desfalecesse: “Na minha fome de sentir êxtase, às vezes, começava a ficar alegre mas com remorso, lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria”.

Morrer, para a personagem, revela uma ação de afundar-se em sua própria insignificância. Esse trauma fez com que ela, a menina, mesmo depois de adulta, rememora aquele triste Carnaval. Para ela, ficaram os restos, as marcas, não desaparecidas com o tempo. É importante destacar a capacidade de Lispector em envolver o leitor em sua gama de sentimentos e emoções. É como se o leitor compartilhasse com a narradora, suas dores, seus medos. Fato este que se relaciona com o pacto autobiográfico, sustentado por Lejeune (2008, p. 104), no qual se verifica a ação desempenhada por um autor em contar sua vida, de forma direta, num espírito de verdade. O pacto representa a relação que é estabelecida entre autor e leitor que ocorre em virtude dos esforços deste primeiro, por meio da escrita de si, mostrar que o texto narrado é algo real, que, de fato, aconteceu.

Além da tentativa do autor em persuadir o leitor da veracidade dos acontecimentos, ele também procura convencê-lo de que o “eu” que vive e fala por meio do texto é a mesma pessoa que assina a obra. “É o contrato de identidade selado pelo nome próprio”. (LEJEUNE, 2008, p. 33)

Considerações finais

O medo é visível no conto “Restos de Carnaval”, como algo próprio do ser humano e que se relaciona com outros sentimentos. De forma implícita Lispector faz referência à aversão ao desconhecido, ao medo que se desenvolve no interior de um ser em virtude de seu desconhecimento em relação ao outro, o medo de perdas, o medo de não viver, medo de não ser reconhecido ou até mesmo medo de não transformar-se, deixar de ser. Enfim, muitos são as formas de medo que tomam forma no conto.

O medo expresso nos restos. Restos que vão além do papel crepom, da fantasia; restos de um medo que a atormentou na infância; restos de um trauma que

permanece vivo nela, mesmo afirmando que, naquele tempo, a atitude de um menino lhe trouxera salvação, na atitude de reconhecê-la em meio à multidão.

Por fim, os restos expressam mais que a simples sobra, mas representam as marcas de um Carnaval, de um pedaço da vida marcado pelo medo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DALGALARRONDO, Paulo. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2000.

D'ELIA, K. A. A. Uma abordagem psicológica sobre o medo. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-clinica/uma-abordagem-psicologica-sobre-omedo> Acesso em 08. Jul. 2015.

LEJEUNE, P. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG 2008.

LISPECTOR, Restos do carnaval. In: LISPECTOR, C. Felicidade clandestina. 3ª ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

MARTINS, G. F. Clarice Lispector: dossiê. Cult. Dezembro. 1997.